



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES**

MARIA EDNAMAR COELHO DE SOUSA ROLIM

RESGATE CULTURAL DA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB

**CAMPINA GRANDE - PB
JULHO /2014**

MARIA EDNAMAR COÊLHO DESOUSA ROLIM

RESGATE CULTURAL DA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de nota final ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual da Paraíba- PB, sob orientação do Prof. Sérgio Ricardo da Costa Simplicio.

Orientador: Professor Ms. Sérgio Ricardo da Costa Simplicio

**CAMPINA GRANDE – PB
JULHO /2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R748r Rolim, Maria Ednamar Coêlho de Sousa
Resgate cultural da cidade de São José de Piranhas - PB
[manuscrito] / Maria Ednamar Coêlho de Sousa Rolim. - 2014.
51 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Sérgio Ricardo da Costa Simplício,
Departamento de Geografia".

1. Cultura. 2. São José de Piranhas. 3. História. I. Título.

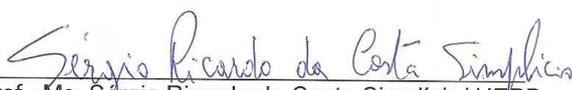
21. ed. CDD 306

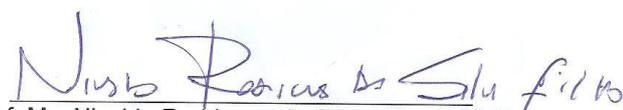
MARIA EDNAMAR COELHO DE SOUSA ROLIM

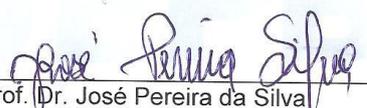
RESGATE CULTURAL DA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de nota final ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual da Paraíba- PB, sob orientação do Prof. Sérgio Ricardo da Costa Simplício.

Aprovada em 19/07/2014


Prof. Ms. Sérgio Ricardo da Costa Simplício/UEPB
Orientador


Prof. Ms. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho / EUPB
Examinador


Prof. Dr. José Pereira da Silva
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu amigo, companheiro e marido que foi o maior incentivador, apoiador e também colaborador, nesta minha nova fase de estudante. Que esteve comigo em todos os momentos de dificuldades e não me deixou desanimar, cuidou do nosso filho sozinho quando tive que me ausentar.

Aos colegas e professores com os quais aprendi muito, tanto como profissional, como ser humano.

AGRADECIMENTOS

Quero fazer um agradecimento especial ao meu mestre e orientador Sérgio Simplício por toda colaboração, dedicação, orientação, paciência que me foi dada para que concluíssemos nosso trabalho com êxito. A ele meu carinho, admiração e agradecimento.

A Deus pelo dom da vida, por ser o ar que respiramos e sem Ele nada é possível. E a todas as pessoas que colaboraram com esse trabalho, as pessoas que responderam os questionários e aos que foram entrevistados, aos que me emprestaram livros e aos que me contaram histórias da cidade, muitas que não tem nos livros.

RESUMO

A escolha do tema em questão se deu a partir de uma necessidade explícita da produção de novos materiais que tratem, em seu cerne, da origem e evolução da cidade de São José de Piranhas, tendo em vista que, apesar de existirem algumas bibliografias centradas nesta temática, percebem-se muitas vezes um predomínio de cunho político que se sobressai as demais informações mencionadas.

Considerando que escrever, hoje, sobre São José de Piranhas torna-se um trabalho de grande satisfação devido à trajetória que essa pequena cidade sertaneja trilhou ao longo do tempo, espera-se que este trabalho possa contribuir como fonte de pesquisa para aqueles que, de alguma forma, desejam aprofundar seus conhecimentos à cerca da história desta cidade.

Além da possibilidade de servir como embasamento teórico, a monografia final se configurará numa fonte de informações que, juntamente com os demais materiais já existentes, farão parte da documentação que compõe o acervo de pesquisa local. Por isso, fazem-se necessário relatar aqui de maneira fiel e objetiva os acontecimentos que incluem relações sociais, padrões de vida e costumes deste povo.

Assim sendo, espera-se que este trabalho atenda as expectativas de quem, por curiosidade ou necessidade venha a explorá-lo em busca de novas descobertas a respeito da história da cidade em questão. Enfim, se trata de uma monografia coerente e atual que pretende contribuir em todos os seus eixos, desde a origem até anos recentes como documento de análise.

ABSTRACT

The choice this subject came from an explicit need to produce new materials that address essentially the origin and evolution of São José de Piranhas, given that, the existing bibliographies focused on this matter have clear political bias that stands out the other mentioned information.

Seeing that writing about São José de Piranhas becomes a satisfactory work due to the importance that this small city has developed over time, it is expected that this work can contribute as a source of research for those who somehow wish to deepen their knowledge about the place.

Besides the possibility to serve as theoretical basis, this monograph configure a source of information, along with the other existing materials, that will be part of the documentation that makes up the local search acquis. Thus, it is necessary to report here, faithfully and objectively, the events that include this people social relations, living standards and customs.

Therefore, it is expected that this work meets the expectations of those who, out of curiosity or need, explore it in search of new discoveries about the history of São José de Piranhas. Anyway, this paper is a coherent and current monograph that aims to be an analytical document, and also contribute, in all axes, to spread knowledge about the city, since its foundation to recent years.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPÍTULO 1.....	12
1.1 OS PRECURSORES E OS CLÁSSICOS DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL.....	12
1.2. SURGIMENTO DE NOVAS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO.....	17
1.3. CULTURA E DESENVOLVIMENTO.....	20
2. CAPÍTULO 2.....	22
2.1 HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS.....	22
2.2. ASPECTOS FISIOLÓGICOS.....	23
2.3. A TRANSFERÊNCIA DA SEDE DO MUNICÍPIO.....	25
2.4. HISTÓRIA.....	29
2.5. O JATOBÁ CLUB.....	31
2.6. A MICARANHAS.....	33
CAPÍTULO 3.....	36
LEVANTAMENTO DE DADOS.....	36
ANÁLISE DOS REULTADOS.....	47
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	52

INTRODUÇÃO

Esta monografia visa promover o resgate cultural da história da cidade de São José de Piranhas ante os acontecimentos, fatos e relatos dos seus cento e vinte e oito anos de emancipação política resgatando, também, os acontecidos anteriores a esta data e que contribuíram para sua evolução.

Aqui, apresentar-se-á um trabalho de ordem analítica e apresentativa, que objetiva mostrar através de pesquisa bibliográfica a trajetória do povo piranhense considerando seus costumes, cultura, lutas sociais e políticas, sem, contudo ocultar os encontros e desencontros promovidos no decorrer do tempo em seu interior.

As explanações aqui reunidas, embasadas por pesquisadores piranhenses ou conhecedores desta terra, valeu como ponto de partida para um debate mais aprofundado sobre o tema. Tendo em vista que assim como a historiografia construída em nosso estado, essa se dá muitas vezes de forma aleatória sem atender as expectativas de quem a busca.

Desse modo, justifica-se a importância do tema através da sua relação com a realidade local. Em um primeiro momento observam-se as manifestações e conquistas dos primeiros habitantes da cidade, posteriormente seguem a transferência da cidade para um novo espaço, descreveremos algumas manifestações culturais que marcaram um longo período do Jatobá Club. Culminando com uma das festas mais populares e conhecidas na Paraíba inteira e que já é tradição, o carnaval fora de época a Micaranhas.

Temos como objetivo geral: Relatar a história de São José de Piranhas dando ênfase às transformações ocorridas ao longo do seu desenvolvimento cultura, econômico e político. E objetivos específicos: - Resgatar alguns fatos levando em consideração questões econômicas, sociais e políticas;

- Mostrar a influência da tradição das festas no Jatobá Club para a sociedade local;

- Discutir as manifestações culturais que contribuíram para o desenvolvimento de São José de Piranhas;

- Mostrar a Micaranhas como uma tradição cultural da cidade de São José de Piranhas.

1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Os precursores e os clássicos regionais. Surgimento de novas teorias do desenvolvimento.

2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, que descreve inicialmente a caracterização do trabalho, os instrumentos de pesquisa, o levantamento de dados através de aplicação de questionários e entrevistas com pessoas da cidade;

3 - ANÁLISE DOS RESULTADOS, apresentando os conteúdos dos questionários aplicados.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS é apresentada uma análise final sobre o desenvolvimento cultural da cidade de São José de Piranhas.

CAPÍTULO 1

1.1 – Os precursores e os clássicos regionais do desenvolvimento

Em todo o mundo o processo de desenvolvimento econômico se dá de forma diferente e inconstante, em algumas regiões ele se mostra mais eficiente e produtivo, levando-as a aumentar os índices de crescimento econômico ao ponto dessas regiões se destacarem em níveis regional, nacional e até global. A dinâmica econômica regional foi estudada por diversos teóricos, especialmente após a segunda guerra mundial como François Perroux, Jacques Boudeville, Amartya Sen e o brasileiro Celso Furtado. Nesse momento faremos um passeio por esses teóricos e justificaremos nosso debate. Destacando os conceitos de desenvolvimento proposto por Sen (2000) e Furtado (2009), por acreditarmos que seus conceitos se adaptam melhor no nosso objeto de estudo.

Segundo Smolka, as atividades econômicas não são vistas em todas as partes do território. A concentração econômica, as descontinuidades espaciais e as desigualdades regionais são inevitáveis, geralmente no início do processo de crescimento e de ocupação do território regional. A não importância do elemento espaço na análise econômica se deve muito à influência inglesa na formulação da teoria econômica. A Inglaterra está situada numa ilha relativamente pequena de acesso barato e fácil por todos os lados, particularmente por se considerar a via costeira. Por isso, é natural a pouca importância dada à variável distância (SMOLKA, 1983).

Mesmo não havendo a devida atenção ao aspecto espacial nas análises econômicas, notamos que referências, neste tipo de literatura, remontam à época mercantilista, entre 1450 e 1750. A criação de políticas econômicas intervencionistas e protecionistas foi formulada a partir da preocupação com balança comercial favorável. O fator distância entre os territórios envolvidos em negociações tinha que ser considerados, conseqüentemente à distância a forma empregada para a circulação dos bens também precisava ser levada em conta. Essa realidade fazia com os mercantilistas defendessem o crescimento demográfico interno, a expansão das cidades e a proteção à indústria e ao

comércio, desta forma, a questão territorial, não só era levada em consideração na análise econômica, como era fundamental para a elaboração de suas políticas e práticas. Neste sentido, no Brasil a noção espacial foi elementar para o desenvolvimento regional e nacional. Vejamos, então, os posicionamentos de teóricos do desenvolvimento:

William Petty (1623-1687), precursor da escola clássica, acreditava que o crescimento demográfico e o desenvolvimento das grandes cidades expandiam os mercados e facilitava a divisão do trabalho. Além disso, considerava também que salários altos estimulam a preguiça, excesso de moeda em circulação eleva os preços, seria preferível queimar o excesso de produção de tecidos não exportados, caso contrário acarretaria desemprego, uma população numerosa gera riqueza para a nação.

Richard Cantillon, francês que viveu entre 1680 e 1734, defendia a necessidade da articulação entre as cidades e o campo para que se possa realizar um estudo acerca das grandes cidades e de suas vantagens. Na sua teoria a terra seria a única fonte de riqueza, e as rendas criadas na zona rural seriam gastas nas cidades, formando, assim, os grandes mercados. Para ele, a partir das criações dos mercados, surgiram as aldeias, e, através do desenvolvimento desses mercados, inicialmente periódicos e depois permanentes, essas aldeias tornaram-se cidades, capitais regionais, neste caso exercendo influência econômica sobre centros urbanos menores que próximos aos maiores aglomerados urbanos. Esta influência, para Cantillon, criou uma hierarquização das cidades, onde as maiores seriam metrópoles regionais, com maior influência e poder econômico, descendo na hierarquia, quanto menor a cidade menos influência possui. Entretanto, os fluxos e serviços no território poderiam acontecer na ordem ascendente ou descendente, na primeira o fluxo vai do menor para o maior, isto é, campo-aldeia-cidade-metrópole, enquanto na segunda ocorre o inverso.

Adam Smith (1723- 1790) claramente leva em conta, o fator espaço em sua obra capital, A riqueza das nações (1776) diz claramente que a ampliação dos

mercados oferece maior divisão de trabalho, aumentando a produtividade e a riqueza nacional, e que varias ocupações só podem ser executadas em cidades de grande porte (SMITH, 1983). O crescimento econômico concentra as atividades em função da localização da mão de obra e dos consumidores. O produto estando isolado se torna mais difícil a divisão do trabalho e a especialização. Com uma extensão pequena o mercado local não pode dispor de uma produção em larga escala e para que seus produtos sejam valorizados, ele precisa expandir sua produção para outras áreas, para isso necessita de meios de transportes mais baratos e eficientes.

Segundo Smith, a agricultura e a indústria surgiram próximas dos transportes fluviais e marítimos a partir deles diminuem os preços de comercialização e expandem os mercados. As margens dos rios tendem a desenvolver e expandir a população e as atividades econômicas nas margens dos rios ao lado dos portos marinhos. Já no interior das regiões, distantes das vias naturais de transportes e de penetração, sem as fontes de riqueza e as jazidas minerais, ou outras riquezas, a população tem certa tendência a se tornar menos densa com os mercados estreitos, resultando a quase nenhum tipo de desenvolvimento. Smith evidencia a riqueza da bacia no Nilo, no Egito, e dos Ganges, na Índia, contrapondo a pobreza no interior da África (SMITH, 1983). O desenvolvimento da Inglaterra, do Canadá e dos Estados Unidos foi impulsionado pela abertura de canais e construção de ferrovias interligando em diversas regiões década um desses países (SOUSA, 2005).

Ricardo (1772-1823), em seus princípios (1817), ao analisar a renda da terra refere-se ao elemento espaço. As terras mais produtivas e melhores são ocupadas primeiro, depois, pelo crescimento demográfico, os agricultores vão ocupando as áreas capaz de produzir com facilidade e mais distantes dos mercados. Esse deslocamento será rápido na ausência de importações e de progresso técnico que aumente a produção nas áreas tradicionais e mais próximas dos mercados. Surge a importância de resultado econômico das melhores terras, em função da ocupação de outras não produtivas e da diferença na produção. Se as terras fossem “abundantes e uniformes em qualidade, seu

uso nada custaria, a não ser possuísem particulares vantagens locacionais, ou proximidades dos mercados” (RICARDO, 1982). Tendo em vista que os preços são determinados nas terras piores e mais distantes dos centros urbanos, os produtores que se localizam mais próximos do mercado auferem uma renda locacional.

Para Ricardo, a análise sobre os valores feitos no comércio exterior deve ser feita a partir do custo de trabalho, isto é, sem se considerar a distância e seu conseqüente transporte, desta forma, cada país importa o que para que ele mesmo produzisse internamente demandaria maior custo de trabalho, exportando, portanto, os de menor de custo.

Neste sentido, para os economistas clássicos, mão de obra e o capital constituem os fatores de produção mais importantes. Assim sendo, sua localização e a variação espacial dos salários afetam a localização da empresa.

John Stuart Mill (1806-1873) afirmou que “aos custos de produção se deve acrescentar os salários dos transportadores, que transportam quaisquer objetos e utensílios de produção ao local em que tinham que ser utilizados, e o próprio produto ao local em que este deve ser vendido” (Mill, 1983), assim sendo, para ele, o custo total de um produto deve levar em consideração as despesas com transporte, haja vista que este valor variará de acordo com a distância, logo, influenciando no valor final.

Insta salientar que historicamente a atividade econômica, como defendeu Alfred Marshall (1842-1924), tende a se localizar em alguns sítios, sendo suas produções voltadas para a exportação para outros centros consumidores. O termo economias externas foi cunhado por Marshall para designar os benefícios advindos da concentração das atividades produtivas em algumas localidades (MARSHALL, 1982).

Marshall fez a distinção de economias externas e economias internas. Estas sendo as mais típicas as economias de escalas, as mesmas acontecem do aumento das quantidades produzidas, da melhoria da eficiência produtiva, da

melhor organização da produção no nível da empresa. As economias externas estão ligadas ao desenvolvimento geral da indústria, da concentração de empresas interdependentes em uma localização. Elas não surgem fora da empresa e não dependem de sua ação; fazem diferença, criam benefícios que puxam outras atividades, com isso dar impulso ao crescimento, diferenciando de outras localidades (MARSHALL, 1982). Esses benefícios podem ser a proximidade de porto ou rio navegável, jazidas, terras produtivas, acesso de alguma matéria-prima.

Na concepção dos economistas clássicos, a mão de obra, juntamente com o capital, constitui o maior fator mais relevante para a produção, não havendo, para eles, e verificando nossas pesquisas predestinação ou relação entre o acúmulo de riqueza e a fé ou religiosidade. Desta forma, o homem cria suas riquezas a partir de seu esforço, bem como do meio onde vive.

É sabido que as populações surgiram, em sua maioria, nas proximidades dos rios e mares. Da mesma forma, para os teóricos aqui estudados, as atividades agrícolas e industriais seguiram dessa lógica, pois a proximidade com portos sejam marítimos ou fluviais, facilita a escoação da produção, reduzindo os custos de comercialização, pela utilização dos transportes aquáticos. Em conseqüência, nas regiões mais afastadas das vias naturais de transporte, o desenvolvimento tende a ser a menor, assim como o tamanho da população, as relações comerciais, etc, tudo isto, independentemente de questões religiosas.

Ante ao exposto, cabe o questionamento acerca do crescimento e desenvolvimento da cidade de São José de Piranhas, município encravado no sertão paraibano, localizado a quinhentos quilômetros da capital do estado. Na cidade não há grandes fábricas, embora tenha bom fluxo e diversidade comercial, estaria o município fadado ao fracasso?

1.2 – Surgimento de novas teorias do desenvolvimento.

Trataremos agora de idéias trazidas em um momento muito importante na história da sociedade. Após a segunda guerra mundial, em volta em um paradigma entre a evolução industrial e uma desigualdade alarmante.

E é a partir dessas diferenças econômicas e sociais que surgiram vários trabalhos no velho mundo sobre estratégias de industrialização de regiões.

Vários estudiosos adentraram no tema na França, Bélgica, onde se destacam Leontief, e o modelo de relações inter setoriais, que fornece a noção derivada da polarização técnica, onde predomina uma indústria matriz, exercendo relações de dominações em relação as atividades satélites ou subcontratadas.

Em várias localidades do mundo houve ideias acerca de tema, como já foi dito, inclusive na América Latina, como afirma Rivero (2002), segundo ele, nesses países mais pobres o desenvolvimento econômico e social é algo distante, trazidos pelas classes políticas e pelas burguesias capitalistas internacionais nesses países.

Sousa (2009) também relata alguns teóricos que fazem este tipo de análise em torno do desenvolvimento econômico nacional.

Apesar das análises de grandes economistas como Adam Smith e Marshall, como de economistas da linha espacial, como Von Thunen, Welber e Losch, a análise econômica tradicional, de modo geral, prescindiu do fator espaço. Os modelos econômicos têm sido elaborados a partir de suposições como localização ótima da população e da atividade econômica, custos de transportes negligenciáveis e distâncias nulas. A região é considerada como um ponto abstrato e só existe o mercado nacional. As nações comercializam entre si e no interior de cada uma delas somente há um mercado onde interagem a oferta e a demanda, determinando o preço de equilíbrio para um produto específico, o qual irá competir no mercado internacional com os preços dos mesmos produtos, formados no contexto de outras economias nacionais, igualmente consideradas como pontos. (SOUZA, 2009, p. 20).

Para este grupo de teóricos o desenvolvimento econômico tende a ser nacional e nunca regional. Porém, com o crescimento da desigualdade social,

surge uma nova análise neste sentido, visto que são nítidas as diferenças que surgem após as crises.

Vimos claramente, que características típicas de cada região influenciam no seu crescimento. O termo região também tem conceitos diversos neste momento estudado. Para muitos autores, como Philippe Aydalot, a região não passa de um conceito abstrato. As fronteiras nem sempre têm conteúdo econômico, mas obedecem a critérios políticos- administrativos, culturais, naturais e geográficos.

O tamanho da região, sua constituição e desempenho de cada elemento que a compõe influenciarão sua performance em relação à média nacional. Desse modo, não importa a definição de região ou onde são colocadas suas fronteiras: ela terá um dinamismo próprio em função de seus elementos constitutivos. Seguidamente, portanto, a região tem-se definido por sua estrutura econômica; ela se caracterizaria pelo maior ou menor dinamismo de crescimento. Áreas dinâmicas tendem a atrair fatores de produção e a crescer ainda mais rapidamente, enquanto regiões com problemas estruturais perdem populações e capitais [...] As disparidades regionais se agravam com o crescimento desigual, independente do local onde o analista coloca as fronteiras regionais. Desse modo, definir com precisão cada região apresenta-se como um problema menor. Determinar os mecanismos que causam e aceleram as disparidades espaciais torna-se de fundamental importância na análise regional (SOUZA, 2009, p. 30)

De acordo com Rivero (2002) as últimas décadas não nos trazem muitos exemplos de países e cidades que tiveram índices de desenvolvimento. Embora, haja crises no capitalismo e uma certa modernização tecnológica global, cada vez mais os pobres ainda são pobres na classe média.

Não há dúvida de que a revolução industrial na Europa e nos Estados Unidos deu os últimos toques ao Estado-nação moderno, tal como hoje o conhecemos. O desenvolvimento do capitalismo industrial identificou o culto ao Leviatã com a criação de um mercado internacional. O paradigma de um Estado-nação soberano, integrado e unido não só por fatores étnicos, culturais e religiosos, como também pelo bem estar material da sua população, espalhou-se pelo planeta acrescentando, dentro do culto ao Leviatã, o rito do progresso econômico nacional. A nova religião civil surgida a partir de Hobbes ficou completa ao passar a pregar que a prosperidade e a felicidade pessoais seriam atingidas por meio do

crescimento do PIB do estado-nação , Surgiu assim o mito do progresso e do desenvolvimento que até hoje é perseguido como o eldorado pela maioria dos países atrasados e subdesenvolvidos que não experimentaram uma autêntica revolução industrial capitalista (RIVERO, 2002, p. 33)

Neste sentido, podemos concluir que, ideias de desenvolvimento econômico e social são apenas mitos que servem para ludibriar os grandes centros que são sempre bem convidativos. Para este grupo de teóricos, o desenvolvimento econômico tende a ser nacional, e não regional. Em decorrência destas idéias surge a afirmação de que as crises produzem efeitos diferenciados no território.

Com isto, podemos concluir que, a idéia de região leva em consideração o conteúdo dos seus elementos constitutivos: nível de renda, estrutura produtiva, estrutura urbana. Em conseqüência teríamos cidades fadadas ao esquecimento econômico e poucas perspectivas de evolução econômica. Porém, ainda há pessoas que acreditam que podem mudar essas teorias e que ainda existem possibilidades de desenvolvimento e progresso.

1.3 – Cultura e desenvolvimento

Cultura é tudo aquilo que o homem faz. Significa cultivar e vem do latim. Nesse sentido a cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo homem em todos os sentidos, não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade como membro dela que é. Cada povo, cada país, tem a sua própria cultura, que é influenciada por vários fatores.

A cultura é definida em ciências sociais como um conjunto de idéias, comportamentos, símbolos e praticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade. Seria a herança social da humanidade ou ainda de forma específica, uma determinada variante da herança social. Já em biologia a cultura é uma criação especial de organismos para fins determinados.

A principal característica da cultura é o mecanismo da adaptação que é a capacidade que alguns indivíduos têm de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais até que possivelmente uma evolução biológica. A cultura também é um mecanismo cumulativo porque as modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, que vai se transformando, perdendo e incorporando outros aspectos procurando assim melhorar a vivência das novas gerações.

A cultura está contida e entrelaçada com tudo àquilo que nós nos transformamos ao criarmos as nossas formas próprias, simbólicas e reflexivas, de convivermos como seres humanos, de um modo ou de outro dentro de um ambiente e domínios de uma vida social. Ela existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias sociais, símbolos e significados que atribuímos a nós mesmos, as nossas vidas e ao nosso mundo, estamos transformando diferentes sistemas de compreensão de vida e de conduta social, criamos mundos sociais em que vivemos e só sabemos nos mundos sociais que criamos, ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criar com outros os seus mundos sociais. E isto é a cultura que criamos para viver.

Diante desses aspectos, a cultura deve ser vista como fonte de desenvolvimento, não apenas no tocante ao desenvolvimento econômico, mas, sobretudo no sentido do desenvolvimento social, isto é, processos que visem a melhoria no modo de vida das pessoas, enquanto seres humanos, em suas instituições e estruturas de produção, trata-se de um processo de avanço qualitativo e não apenas quantitativo, foco do desenvolvimento econômico.

Desta forma, é importante que haja por parte dos gestores públicos a mentalidade de que é necessário a valorização e manutenção da cultura local, fazendo com que os valores de cada sejam preservados e mantidos, não pela força ou imposição, mas, pelo despertar da consciência de que a ausência de valorização dos aspectos culturais inerentes à comunidade pode fazer com que o processo de desenvolvimento aconteça (caso aconteça) de modo que acabe por exterminar culturas, fazendo com que pessoas percam a identidade ou grupos de cidadãos passem a não se sentirem integrados a cada processo, deste modo, seus modos de vida podem não ser idéias para seus anseios e vocações.

“Se essas lideranças reconhecerem a importância e valorizarem a cultura local (...) os processos de desenvolvimento resultarão em modos de viver adequados às características e desejos da população local e na ampliação da capacidade de todos de definir e tentar levar o tipo de vida que valorizam.” (PFEIFFER, Cláudia Ribeiro)

Não se trata, portanto, de identificar elementos presentes nas culturas das comunidades que sejam passíveis de serem incorporados à realidade capitalista como mercadoria, pois esta realidade pode causar sérios danos à vivência dos cidadãos que integram cada localidade. Por outro lado, dentro do desenvolvimento através das culturas locais, as culturas e seus atores têm seus valores reconhecidos, através de processos que acabem por criar uma sociedade com práticas de vida adequadas aos seus anseios e sem afetar de modo brusco, em nome do desenvolvimento, suas formas de convivência social, tanto no aspecto para com outrem, quanto na relação consigo mesmo, através de identidade pessoal e coletiva.

CAPÍTULO 2

2.1 – História da Cidade de São José de Piranhas

O Município de São José de Piranhas está localizado no extremo oeste da Paraíba, na microrregião de Cajazeiras. Limita-se com Cajazeiras e Nazarezinho ao norte; com Carrapateira e Aguiar a leste; Serra Grande e Monte Horebe ao sul; Cachoeira dos Índios e Barro (no estado do Ceará) a oeste. Ocupa uma área de 677,9 km². A sede municipal apresenta uma altitude de 320m, com as seguintes coordenadas geográficas: de 38°, 30' 07" longitude oeste e 07°, 07'15" de latitude sul. O acesso a partir de João Pessoa, capital paraibana, é feito através da BR-230 até a cidade de Cajazeiras, após a passagem desta cidade, pega-se a PB-400, percorrendo-se 32 km até chegar a São José de Piranhas, totalizando uma distancia de 492 km da capital. O município foi criado pela lei estadual nº 791, de 22 de Dezembro de 1885.

De acordo com o último censo de IBGE, no ano de 2010, a população total é de 19.301 habitantes, dos quais 9.530 são de homens e 9.569 de mulheres. A população urbana é superior a rural, os números apontam que 10.798 pessoas residem na cidade, enquanto 8.301 habitantes ainda moram nos sítios e povoados piranhenses. Em relação à educação, o município apresenta números não muito diferentes da realidade de outras cidades do mesmo porte no sertão paraibano, do total populacional, o número de alfabetizados com idade igual ou superior a 18 anos é de 9.699, o que corresponde a uma faixa de alfabetização de 68,1%. Possui 78 estabelecimentos de ensino fundamental e 02 de ensino médio, divididos entre as redes municipal e estadual. A cidade contém cerca de 4.352 domicílios particulares e permanentes, destes, 2.348 possuem esgotamento sanitário, 2.263 são abastecidos pela rede geral de água e 1.702 com sistemas de coleta de lixo. No setor de saúde o serviço é prestado por um hospital, que atende pequenas ocorrências e conta com 08 unidades ambulatoriais, 06 unidades ambulatorias com atendimento odontológico.

O relevo do município é pouco acidentado, existindo poucas elevações, a exemplo da Serra do Vital, Serra do Bento, e Serra do Braga. A economia do

município baseia-se na agropecuária. A pecuária é formada de bovinos, suínos, caprinos, ovinos, muares, eqüinos e asininos. O rebanho bovino é o mais importante do município, pois grande parte é destinada ao corte para o consumo interno da própria população.

Na indústria e no comércio o total de empresas atuantes e registradas com CNPJ é em números de cento e vinte e sete. O setor industrial situado no plano secundário destaca-se apenas a grandes oficinas de curtume, indústria de couro, beneficiadoras de arroz e panificadoras, que fornecem produtos para o consumo local.

O comércio é um setor importante e é bastante desenvolvido, contando com estabelecimentos comerciais nos mais diversos segmentos, há lojas de confecções, tecidos, móveis, eletrodomésticos, brinquedos, utilidades, variedades, fazendo com que a população não precise se deslocar a grandes centros para adquirirem bens e produtos. Nesta variedade existem estabelecimentos com trabalham nos ramos de atacado e varejo, alguns dos quais com filias em outras cidades da Paraíba.

A agricultura é representada pelas plantações de algodão, o produto mais importante na região, milho e feijão. No setor de serviços, a cidade é atendida por uma agência bancária, do banco do Brasil, uma casa lotérica, correspondentes bancários, agência dos Correios, além, é claro, de vários setores privados, a exemplo de restaurantes, bares, pousadas, quatro postos de combustível, escritórios de advocacia, consultórios e clínicas médicas e sedes de empresas de construção.

2.2 – Aspectos Fisiográficos

Em termos climatológicos o município acha-se inserido no denominado “polígono das secas”, constituindo um tipo de semi-árido quente e seco, as temperaturas são elevadas durante o dia, amenizando a noite com variações anuais dentro de um intervalo de 23 a 30° C, com ocasionais picos mais elevados, principalmente durante o período de seca. O regime pluviométrico, além de baixo

é irregular com médias anuais de 849,6 mm/ano e mínimas e máximas de 201,3 e 1561,3 mm/ano. No geral, as quatro estações não são totalmente definidas, isto é, no decorrer do ano não se nota as modificações climáticas que caracterizam o verão, a primavera, o outono e o inverno. Este fenômeno faz com que na prática ocorram apenas duas estações, a seca que é denominada de verão (e que não acontece na época em que o calendário prevê como verão), geralmente entre os meses de setembro a dezembro, e a chuvosa que o sertanejo chama de inverno, restrito a um período de três a quatro meses por ano, que ocorre na quase sempre entre o verão e o outono. No período do inverno entre os meses de junho e agosto há uma leve queda na temperatura e, às vezes, o aparecimento de fortes ondas de ventos.

O solo do município é rico em minerais, entretanto, esta riqueza ainda não está sendo explorada, nem por grandes empresas ou por pequenos exploradores, mesmo havendo, em pequena escala, a extração de rochas para, por exemplo, a utilização em pavimentação urbana.

Em relação à hidrografia, o município é banhado por alguns rios, dentre estes, o principal é o rio Piranhas, que nasce na Serra do Bongá, em Bonito de Santa Fé e corta o município no sentido sul-norte, e também é chamado de Piranhas-Açu, mas, neste caso, ele recebe esta denominação apenas no estado do Rio Grande do Norte, neste rio, embora seja temporário, estão as duas maiores barragens dos estados da Paraíba, no caso o complexo Coremas Mãe D'água, e do Rio Grande do Norte, como açude Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves, estes dois reservatórios fazem com que o Piranhas possa ser perenizado em algumas localidades.

Em São José de Piranhas, o rio também foi represado dando origem ao atualmente terceiro maior reservatório de água do Estado, o açude Engenheiro Ávidos, conhecido como Açude de Boqueirão, com capacidade para armazenar 255 milhões de metros cúbicos de água. Além do Rio Piranhas, outros cursos de água também cortam o município piranhense, tais como o Rio da Corda, Rio Tamanduá (segunda maior do município e também afluente do Engenheiro

Ávidos), Riacho dos Patos e outros de menor porte. Devido a estas veias hídricas, São José de Piranhas possui alguns reservatórios que merecem destaque, como o já citado Engenheiro Ávidos, que, embora todo o seu volume de água fique nos limites territoriais piranhenses, abastece a cidade de Cajazeiras e, por vezes, é citado como um açude cajazeirense, entretanto, a parede da represa fica na fronteira entre os dois municípios, com todo espelho d'água do lado piranhense e a estação de tratamento em solo de Cajazeiras. Há ainda o açude São José I, conhecido na cidade como Açude da Cagepa, de onde se tira o abastecimento para a cidade.

Na zona rural, o mais importante reservatório é do Galante, localizado em um sítio de mesmo nome. Desta forma, a Bacia do Rio Piranhas, no território de São José de Piranhas, é constituída por vários cursos d'água, maiores e menores, mas nenhum deles permanentes, dependentes, portanto, das precipitações pluviômicas para que possam abastecer os habitantes, mesmo assim, e visando minimizar os efeitos das faltas de chuvas, foram construídas, ao longos dos cursos das águas, várias barragens de pequenos e grandes porte, como a localizada nas proximidades do distrito de Bom Jesus, que são utilizadas para abastecimento humano, animal e agrárias.

2.3 – A Transferência da sede do município

São José de Piranhas foi a primeira sede de município a ser transferida no Nordeste. A mudança foi por motivo da construção de um açude que veio a ser chamado de Engenheiro Ávidos, conhecido por Boqueirão, foram feitos estudos topográficos e concluíram que toda cidade ficaria inundada pelo grande volume de água que seria represado, o Governo Federal determinou que a direção da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas avaliasse toda a área, para que se pudesse proceder às devidas indenizações fazendo com que o governo municipal encontrasse e comprasse outra área na qual se construiria a nova sede do município sem causar maiores problemas às pessoas que habitavam aquela localidade. Então, o prefeito da época, Manuel Arruda de Assis, tomou todas as medidas necessárias e providenciou de imediato uma comissão constituída pelo

engenheiro Silvio Aderne, administrador da construção do açude, pelo juiz Milton Marques de Oliveira Melo e pelo próprio prefeito, com o objetivo de fazer os estudos sobre a nova sede.

Iniciados os trabalhos sobre o melhor local para que a vila fosse transferida, a comissão percorreu vários sítios do município que haviam sido cogitados por diferentes pessoas da comunidade piranhense, tendo escolhido o sitio chamado de Jatobá, localizado na parte central do município, ao sul da antiga sede, de fácil acesso a outras localidades, que segundo algumas pessoas seria conveniente para grandes proprietários de terra no sitio Jatobá, além de que lá já existia uma capelinha de São Sebastião (a influência da religião católica na época fazia com que o fato de haver um templo religioso fosse importante para a escolha) construída na década de 1860 pelos devotos do santo (alguns autores apontam que a construção da capela se deu em 1902, entretanto, neste ano foi realizada uma reforma no templo). A edificação do templo ocorreu em pagamento de promessas pelo fim da epidemia do “cólera morbus”, uma doença causada pelo vibrião colérico, bactéria que se multiplica rapidamente no intestino humano produzindo uma potente toxina que provoca diarreia intensa, afeta os seres humanos e a sua transmissão é diretamente ligada à ingestão oral, principalmente por água contaminada, principalmente por dejetos fecais. Essa doença vitimou muita gente, não apenas, claro, em São José de Piranhas, mas em muitas outras cidades, sítios e lugarejos Brasil a fora. Outro motivo da escolha teria sido a distância entre a antiga sede o sitio Jatobá, que era de apenas 10 km. Entretanto o lugar era muito pobre, possuía apenas cerca de dez casas e só havia movimento em dias de celebração na capela

Com o dinheiro das indenizações pagas pelo Governo Federal, tanto em referência aos prédios públicos quanto às residências da antiga sede, a administração municipal e a população em geral deram início no dia 10 de maio de 1936 a construção da nova cidade. Para tanto, regras urbanísticas foram criadas, um avanço para a época, não era permitido que se construísse de qualquer modo, cada um edificando sua casa ou prédio comercial no local e na

forma que bem desejasse. Foram estipulados tamanhos de ruas e quarteirões, todos devidamente alinhados.

Deu-se início então a construção dos novos prédios e residências, formou-se um mutirão, cada um ficou encarregado de demolir sua residência e aproveitar o material para a nova construção, tudo orientado e supervisionado pelo engenheiro civil Domingues Zimbrune, visando obedecer às regras predefinidas. Foram contratados inúmeros pedreiros, serventes, carpinteiros, marceneiros e um número bastante significativo de operários. Dezenas de caminhões e centenas de animais foram utilizadas no transporte de material, como: água, areia, pedra, cal, tijolos e madeira. O trabalho prolongava-se por todo o dia, iniciando-se ao amanhecer e finalizando-se apenas ao cair da noite. Cada um construía suas casas e prédios comerciais no local de sua preferência, desde que seguindo a especificações descritas na planta baixa da cidade, elaborada pelo engenheiro Silvio Aderne. O sítio Jatobá foi transformado em um canteiro de obras para que se pudesse edificar a nova cidade, que fora totalmente planejada, inclusive, dentro de uma estrutura moderna para época, com ruas largas e quarteirões simétricos.

Legalmente a sede do município foi transferida através da Lei estadual nº 12, de 28 de novembro de 1935, a partir de um projeto de lei dos deputados Celso Matos e Newton Lacerda, que fora aprovado na Assembléia Legislativa e conseqüentemente sancionada pelo Governador Argemiro de Figueiredo. Este diploma legal possuía apenas três artigos, portanto, objetivava apenas formalizar juridicamente a mudança para que fosse possível iniciar a construção da nova vila.

Possivelmente um dos momentos mais tristes da história dos piranhenses foi o dia da mudança da cidade, dia em que todos tiveram que deixar suas casas, parte de suas vidas, histórias, acontecimentos, lembranças, tudo para trás, nessa data, 20 de dezembro de 1936, a população se despedia daquela localidade, e ali deixaram seus sonhos, sem direito a uma possível volta e a um retorno à sua terra mãe, porque o que ali ficava logo seria coberto pelas águas volumosas do

açude de Boqueirão. Era o adeus a rua Sete, a rua Quinze, o Escama de Peixe, a rua do Xerém, a João Suassuna, a Matriz, a praçinha do coreto, tudo enfim , em pouco tempo seria submerso, aquela cidade se tornaria uma bela paisagem vista de longe, “um mundo de água”, era uma ida sem volta.

Na sua inauguração já tinham sido concluídos os seguintes prédios públicos: prefeitura municipal, câmara municipal, fórum, mercado público, mercado de frutas, açougue, matadouro, cadeia pública, cemitério e centenas de casas que eram distribuídas em ruas largas e quarteirões paralelos, a cidade era reconhecida como ‘Cidade Menina’.

A transferência oficial da vila para a nova sede se deu no dia 01 de janeiro de 1937, foi um dia de grandes festividades, com sessão solene na câmara municipal, presidida pelo vereador Joaquim Gonçalves de Assis. No dia quatro de janeiro foi realizada a primeira feira livre da cidade de São José de Piranhas, de acordo com a lei nº 10 de 23 de dezembro de 1936. A partir daquela data a feira livre seria semanalmente, como é até os dias de hoje nas segundas-feiras, lá se vende quase tudo, cereal, derivados de leite: queijo, manteiga, tem as “bancas” (como são chamadas as armações de madeira sobre as quais os comerciantes exibem seus produtos) de tecidos, de aviamentos, de comidas, de utilidades, em geral as bancas são divididas por setor, ou seja, a venda de comida ficam próximas, as bancas de frutas todas lado a lado e assim por diante, esta organização facilita e ajuda aos fregueses que, à época lotavam as feiras a procura de mantimentos para suprir as necessidades de suas famílias.

A ascensão do Estado Novo, em de novembro de 1937, trouxe uma nova ordem municipal na qual todas as sedes de municípios fossem elevadas a categoria de cidade (anteriormente vilas também poderiam ser sede de município, este era o caso de São José de Piranhas). Diante da decisão federal, o governo da Paraíba, em 01 de janeiro de 1939, eleva a vila à categoria de cidade, porém com o nome de Jatobá, isto era possível haja vista que quando o Governo Vargas implanta a nova ordem municipal houve espaço para mudança de nomes de municípios. Este nome permaneceu até 14 de novembro de 1952, quando foi

apresentado um projeto de lei na Assembléia Legislativa que restaurou o antigo nome de São José de Piranhas.

2.4 – História

São José de Piranhas, pequena cidade do interior do sertão paraibano, passou por várias mudanças ao longo de seus 128 anos de emancipação política. No entanto, a história desta se inicia em meados do século XVII quando os primeiros sesmeiros ocuparam a região das cabeceiras do Piranhas e a área banhada pelos seus primeiros afluentes. De acordo com Deusdedit Leitão (1985, p.11).

O povoamento da faixa territorial que integrava o município de São José de Piranhas foi uma decorrência da ocupação dos chamados sertões do Piancó e do Rio do Peixe. Ponto convergente dos dois principais núcleos de colonização do sertão paraibano constituiu-se em zona intermediária entre as linhas de penetração formadas por interesses econômicos dos fazendeiros de Piancó e de Souza, que procuravam consolidar o seu poderio territorial com a aquisição de novas glebas devolutas o oeste da capitania.

A cidade se origina com a formação de pequenos aglomerados, que posteriormente deram origem a povoados as margens do Rio Piranhas, fato que motivou a adoção do nome que a cidade possui na atualidade, isto é, uma homenagem ao santo São José e referência ao rio na qual as casas foram edificadas a sua margem, esta razão explica o fato da cidade não se chamar “São José DAS Piranhas”, como corriqueiramente é confundida, pois a junção da preposição com o artigo feminino no plural faria menção ao peixe e não ao rio, entretanto, há também aqueles que defendem o correto seria usar o conectivo “DO”, ou seja, o mais apropriado, segundo estes seria “São José do Piranhas”.

Ao longo do tempo, com a transferência da sede da cidade na década de trinta, devido à construção do açude de Engenheiro Ávidos, houve a destruição parcial de fontes documentais e do patrimônio histórico da cidade, haja vista que o povoado original fora inundado e com ele o patrimônio arquitetônico foi perdido, em relação às fontes documentais muitas se perderam sob as águas, outras, porém, foram extraviadas na mudança de sede.

Diante dessas conseqüências, entender a história de São José de Piranhas é de fato compreender estes dois momentos de sua construção, um vivido às margens do rio Piranhas e outro a 10 km de distância deste, no sítio Jatobá. Tal transferência de espaço levou o então prefeito Malaquias Gomes Barbosa a inaugurá-la com o novo nome de Jatobá no dia 1º de janeiro de 1937.

Tais mudanças na vida dos piranhenses, principalmente o fato da inundação que deixou submersos anos de história, talvez sejam as responsáveis pela falta de consciência de conservação do patrimônio histórico e arquitetônico que paira sobre a cidade. Nos dias de hoje poucos são os prédios ou casas que datam dos primeiros anos da cidade de Jatobá, as mudanças e o “progresso” têm transformado a cidade num lugar sempre contemporâneo, como se todas as edificações datassem de poucos anos. São inúmeras as casas que guardavam lembranças ao povo piranhense e sucumbiram diante do poder do dinheiro, construções às vezes majestosas às vezes simples, mas foram erguidas obedecendo a conceitos de arquitetura que não existem mais. Nestes lugares foram construídos modernos prédios, geralmente comerciais, para atender aos anseios de “modernidade e crescimento” dominantes atualmente.

Observava-se no momento uma cidade mais moderna e planejada, em formato de tabuleiro de xadrez, originalmente com 12 ruas (todas com a mesma medida de largura), sete travessas e duas praças.

Referindo-se ao desenvolvimento econômico e educacional, sabe-se que esta cidade foi uma das maiores produtoras de algodão do sertão da Paraíba e sempre teve o setor primário como destaque, considerando assim a produção agrária e a criação de animais como a ponta da economia local seguida pelo comércio de pequeno porte e prestação de serviços. Inclusive, na antiga sede, já havia uma máquina descarrossadeira de algodão, o que representava um grande avanço tecnológico para a realidade agrícola da época

O povo piranhense também foi um dos pioneiros na aquisição do conhecimento no interior do estado. Leitão (1985, p.119) afirma que “São José de Piranhas foi uma das primeiras povoações do sertão paraibano a ser beneficiada

com a criação de escola do ensino primário”. Assim, a população passou a relacionar-se com o saber dando os primeiros passos para o que se observa hoje. Um dado peculiar que merece destaque é o fato de que a cidade de Cajazeiras, distante 32 km de São José, ser considerada a cidade que ensinou a Paraíba a ler, em virtude do Padre Inácio de Sousa Rolim ter criado nas terras cajazeirenses o que teria sido a primeira escola do estado da Paraíba, entretanto, segundo o professor Cláudio Dias, a Escola de Primeiras Letras de São José de Piranhas de cima, criada através de decreto imperial, teria iniciado suas atividades educacionais pouco tempo antes do educandário de Rolim no município visinho.

2.5 – O Jatobá Club

Ficou marcada também na história de São José de Piranhas as grandes festividades realizadas no Jatobá Club (escrito realmente na forma inglesa da palavra sem o “e”), que foi fundado em 03 de maio de 1944, por idealizadores e primeiros sócios que sentiram a necessidade de um espaço onde seria o encontro da sociedade local, entretanto, duas outras datas são de suma importância para se contar esta história, pois apenas em 02 de novembro de 1947 foi eleita a primeira diretoria do clube, e 14 de maio de 1948, data na qual os estatutos do JC foram registrados em cartório.

Nos longos anos o Jatobá Club foi palco de grandes festas, com cantores e bandas conhecidas em todo o Brasil. Nomes de destaque no cenário musical brasileiro se apresentaram no palco do Jatobá Club em suas tradicionais festas, principalmente nos bailes de São João, carnaval e réveillon, dentre os quais estiveram no JC: o “Rei do Baião” Luiz Gonzaga, Renato e seus Blue Caps, Assisão, Alcides Gerard, entre outros. Segundo o historiador José Marconi Gomes, “O Jatobá Club é uma entidade recreativa voltada para o lazer e, principalmente, para as festas que a sociedade gostava: festas juninas, bailes de carnaval, eventos natalinos, tertúlias, etc.” Os autores Marconi Vieira e Messias Ferreira de Lima destacam que (2012, p.46):

Naquele salão improvisado também eram realizadas convenções partidárias, apurações de pleitos eleitorais e diversas atividades culturais. Posteriormente, percebendo que aquele espaço não

comportava mais a realização de eventos para a comunidade, um grupo de amigos influentes da sociedade local reuniu-se para tomar uma decisão: construir um espaço maior e mais amplo que tivesse a capacidade de acomodar as pessoas. Afinal de contas, a sociedade crescera e necessitava de um clube recreativo para atender a demanda das pessoas que apreciavam o mundo das artes e da cultura.

Lá também tiveram início grandes histórias de amor. Era onde a juventude se encontrava no final de semana pra dançar, namorar, encontrar amigos e se divertir. Tradicionalmente o dia de encontro da juventude piranhense no sodalício sempre foi aos domingos, quando durante as tardes aconteciam as matinês, evento voltado para o público entre 10 e 16 anos, que se reuniam no intervalo entre as 14 e às 17 horas para dançar ao som de músicas infantis e adolescentes. Neste aspecto, é importante lembrar que um grupo de jovens adolescentes se reunia para dançar rock, bandas como Titãs, Ultrage a Rigor, Legião Urbana e RPM eram as favoritas da molecada. À noite aconteciam as tertúlias, que, segundo o dicionário Aurélio é uma “reunião de parentes e amigos”. As tertúlias começavam por volta das 20 horas se prolongando até a meia-noite, o repertório era variado e dividido em blocos musicais, por exemplo, havia o momento do forró, do rock, das “músicas lentas” como eram chamadas as canções internacionais com melodias suaves, este era o principal momento para as paqueras.

Além dos domingos o Jatobá Club fazia festas tradicionais, em especial os bailes de carnaval, sempre com orquestra de frevo formada por artistas da própria cidade, as festas juninas e o réveillon.

O JC inicialmente era um clube elitizado, como ocorria na maior parte do Brasil, criado por cidadãos representantes da classe dominante da cidade. No ambiente não se via pobres, todos os homens presentes usavam ternos, há quem diga que não era permitida a entrada de negros, porém o historiador Messias Ferreira discorda deste aspecto:

“Eu acredito que não existia isso (...) Naquele tempo pra freqüentar o clube tinha que ser sócio. De acordo com os estatutos do clube, pra freqüentar o clube, residindo em São José de Piranhas, tinha de ser sócio e, tanto isso é verdade, que na

relação dos sócios fundadores existe um negro, que era o senhor Manuel Ribeiro, que era oficial de justiça. Então logicamente, ele tinha uma boa condição (...) Se negro não entrava era porque não tinha condição financeira para comprar um título, pra pagar uma mensalidade do clube, para comprar um paletó.” (Entrevista concedida ao documentário Projeto Cinema Adentro: Oficinas e Mostras de Cinema – Jatobá Club, abril de 2011)

Mas, hoje o Jatobá Club só existe na memória dos piranhenses e nas ruínas do prédio situado no centro da cidade. Pois está abandonado, sua estrutura física se encontra comprometida, as paredes rachadas uma parte do telhado já caiu e a outra pode desmoronar a qualquer momento. O sodalício onde se divertia a sociedade piranhense, na prática, já não existe mais. Esse processo foi lento, a frequência dos sócios diminuiu e sua participação ativa em reuniões e pagamentos de mensalidades também, o JC deixou de ser um clube para se tornar uma pequena casa de eventos, em que todos, que pagassem poderiam frequentar, não havendo qualquer distinção entre sócios e sociedade em geral. Outro aspecto que pode ter contribuído para a queda do Jatobá Club foi a competição com grandes eventos, realizados em espaços maiores e estruturas grandiosas.

2.6 – A Micaranhas

No início dos anos 1990 as micaretas, carnavais fora de época, começaram a se popularizar Brasil a fora, esse tipo de festa de origem francesa, que acontecia desde o século VC, sempre no meio da quaresma – período entre o carnaval e a páscoa com o nome de Mi-carême, teve início no país no estado da Bahia, mas acabou por alcançar várias outras localidades.

Neste sentido, São José de Piranhas também criou sua micareta, a Micaranhas, que com o passar dos anos tornou-se a festa mais popular da cidade. O carnaval fora de época piranhense é hoje um dos eventos festivos mais tradicionais do estado e reunindo milhares de pessoas de várias cidades paraibanas e de outros estados, principalmente Ceará e Rio Grande do Norte. Criada no ano de 1992 pelo então interventor do município Paulo de Tarso

Lucena (o prefeito eleito fora cassado em 1991) acontecia no final da quaresma, nos dias em que os cristãos comemoram o sábado de aleluia e o domingo de páscoa, permaneceu nesta data por alguns anos, resistindo, a muitas críticas, sobretudo dos religiosos que consideravam a festa “mundana” um afronta à religiosidade e uma falta de respeito para com os valores cristãos. Entretanto, em 1997 a festa teve sua data alterada, passou a acontecer no segundo final de semana de maio, de modo que coincidissem com o dia das mães. Desde então, a Micanhas vem ao longo dos anos crescendo e se tornando cada vez mais conhecida, sendo atualmente não apenas um evento festivo, mas também de grande importância para o comércio local, em especial para o setor hoteleiro, de bares e restaurante, além do comércio de confecções que consegue uma aquecida. O fato da data da realização da festa ser o mesmo do dia das mães tem um atrativo especial, pois muitos piranhenses que residem em outros municípios tendem a visitar a cidade na mesma época.

O primeiro bloco organizado da festividade foi o Crocodilo, criado pelos amigos Alcides Júnior e Tijoão, o uso de abadás (na época, chamados de mortalhas) foi uma grande novidade para os foliões. No ano seguinte, outros blocos surgiram, além de alguns antigos que datavam dos bailes de carnaval do Jatobá Club terem ressurgido, dentre os primeiros se destacaram os blocos: Você, Bem Bom, Arerê, Os Koisados, Esperando Você, todos organizados com camisas, sede para os foliões e festas particulares, muitas vezes com bandas exclusivas.

No ano de 2009 a Micaranhas passou por uma mudança radical, a prefeitura transferiu a festa da Praça Getúlio Vargas (que posteriormente teve o nome alterado para Praça Nelson Lacerda) para a Avenida Centenária, a partir daí a Micaranhas passou a receber atrações de nome nacional e toda a infraestrutura da micareta foi modificada.

A Micaranhas foi a segunda micareta a ser criada na Paraíba, como a Micarande, realizada em Campina Grande não existe mais, a festa de São José de Piranhas é o carnaval fora de época mais antigo ainda a acontecer no estado.

Tornou-se tradicional, e atualmente é um evento obrigatório no calendário pessoal de todo folião do alto sertão paraibano.

Mesmo assim, sua contribuição para cultura, a exemplo do que acontece em festas similares, é questionável, pois não resgata valores do carnaval, não incentiva a produção artística local, além de executar apenas os repertórios musicais “da moda”, não a espaço para a tradição, nem mesmo para a história do próprio evento, em geral desconhecida de grande parte dos foliões mais jovens. São José de Piranhas já teve carnavais com orquestras, fantasias, frevo, marchinhas, em especial nos já citadas bailes do Jatobá Club e nas brincadeiras de rua, nas quais era válido jogar serpentina para cima e talco e pó de amido de milho nos rostos dos amigos, porém hoje em dia o período de momo é apenas uma época de feriado no calendário e a Micaranhas que poderia resgatar a tradição carnavalesca, mesmo que mesclando com a modernidade, parece apenas tentar imitar as folias de carnaval da Bahia, não todos, pois, na terra de todos os santos há espaço para o tradicional, mas, apenas a parte que é transmitida pela TV.

Diante dessas explanações, vale salientar que São José de Piranhas é uma cidade marcada por lutas, conquistas e buscas incessantes por melhorias constantes. Situada a 342 m de altitude a cerca de 490 km da capital do estado, esta cidade orgulha seus filhos e os que demais nela habitam, permanecendo como prova viva de gerações passadas e palco imponente para gerações futuras. É reconhecida em toda Paraíba como cidade de pessoas inteligentes e estudiosas e de mulheres bonitas. A fama de que os piranhenses são estudiosos não é à toa, é comum nomes de piranhenses aparecem nas listas de aprovados nos diversos concursos públicos realizados Brasil a fora, sejam nas esferas municipais, estaduais ou federal, além disso, todos os anos vários jovens comemoram sua aprovação em vestibulares para os mais diversos cursos das mais variadas universidades.

Existe um ditado popular que diz: “Quem um dia conheceu Jatobá, jamais se esquecerá.”

CAPÍTULO 3

LEVANTAMENTO DE DADOS.

Para obtermos os dados da pesquisa, realizamos uma pesquisa quantiqualitativa, com aplicação de questionários e entrevistas, com pessoas da população do município de São José de Piranhas. Para identificarmos se a cultura está caminhando com o desenvolvimento e se esta cultura tem trazido aspectos positivos para o desenvolvimento local. Sempre nos servindo de base os autores trabalhados para dar uma melhor fundamentação teórica ao nosso trabalho. Buscamos sempre fazer esse paralelo entre a pesquisa empírica e a pesquisa teórica.

Achamos muito pertinentes colocar algumas entrevistas, mesmo sem identificar os autores. Mais para o nosso trabalho se torna fundamental para melhor compreender a relação que a população tem percebido entre cultura e desenvolvimento.

Entrevista com a professora e secretária de educação da cidade de São José de Piranhas. Transcrevemos na íntegra para priorizar a originalidade da entrevista.

Você acha que a Cultura traz desenvolvimento pra cidade de São José de Piranhas?

“Com certeza, né? a cultura por ser expressão humana, da expressão da construção humana ela é exatamente construída a partir do diálogo entre os atores, no dia a dia entre o ser humano, e ela traz sim, prova é, professora Ednamar, que nós estamos, agora, desvinculando o sistema municipal de cultura aqui do nosso município da educação por acreditarmos que através dessa ação que a gente considera exitosa, nós teremos condições de incentivar mais a cultura aqui no município de São José de Piranhas, através de políticas públicas do governo federal nos oferece e pra isso a gente já tem executado algumas ações a exemplo da conferência municipal de cultura aqui no município, através dos encaminhamentos feitos ao Ministério da Cultura através de toda uma documentação que desvincula realmente a secretaria de cultura da secretaria,

digo , da secretaria de educação da secretaria de cultura, então essa é uma ação que a gente ta realizando agora com o propósito exatamente de incentivar a cultura aqui, se fazer mais presente, trazer realmente mais incentivo financeiro para as pessoas que fazem cultura e que fazem muito bem aqui no nosso município.”

Hoje qual o tipo de cultura que vem sendo desenvolvido aqui, no momento?

“É, aqui como eu já falei né, essa vontade de desvincular é exatamente pra incentivar mais, porque nós temos vários tipos de cultura e nosso município é tido como um município que tem grandes talentos nessa área de cultura, então, tem a questão do artesanato, nós temos a questão da cultura da banda de Cabaçal né? Que é assim conhecida poderia dizer nacionalmente, né verdade? E nós temos grupos de xaxado que também a gente ta tentando resgatar, estávamos agora em reunião com os coordenadores aqui do município e levamos essa proposta pra comunidade do sitio Cacaré pra que possa realmente se organizar no sentido de trazer, tá certo, essa cultura que está um pouco adormecida, eu diria assim, tá certo? Mas trazer levando até pra o currículo da escola esse trabalho pra que possa realmente se efetivar dentro daquele ambiente escolar.”

No seu ponto de vista a Micaranhas traz cultura pra nosso povo, tipo de cultura ela traz?

“Depende do ponto de vista de cada um, né verdade? Se você tivesse feito essa pergunta à maioria dos jovens aqui eles, seria uma das maiores culturas que eles né, consideram, inclusive, assim sempre que estão pleiteando lutando pra que esse tipo de festa continue, eu acho que a gente poderia pensar assim, em algo diferente, esse é o meu ponto de vista pessoal, tá certo? E que não fosse a Micaranhas, tá certo? Incentivar mais a cultura local, agora existe sim o pensamento de um tipo de cultura hoje dos nossos jovens que realmente são essas bandas que vêm de fora, que fazem sucesso e que a gente respeita também, é claro, né? a gente tem que respeitar por que cultura é isso é o respeito aos valores de cada um né? é o resgate de valores, como tem a questão da banda cabaçal, como eu acabei de falar, mas também é atualidade é a

contemporaneidade que está aí e que a gente não pode descartar de maneira nenhuma e tem que respeitar, é por isso que eu não vou dizer que eu descarto, de maneira nenhuma, eu respeito o ponto de vista dos jovens e a luta deles em prol de continuar com essa cultura de Micaranhas ser uma cultura.”

E economicamente você acha que a Micaranhas traz alguma vantagem, ou desenvolvimento pra cidade de São José de Piranhas?

“Sim, eu acho que incentiva sim, né, essa economia que tem aí o pessoal faz, infelizmente ainda a cultura do barzinho ainda é, tá arraigada aqui né, dentro da cultura do nosso município e nesse momento tem a questão dos ‘barraqueiros’ que vendem os seus produtos, né, restaurantes, enfim, com certeza traz sim um certo rendimento na questão financeira é influenciada sim neste momento da Micaranhas.”

Em sua opinião qual o crescimento cultural que está tendo na cidade de 2000 até agora 2013? O que houve de melhora e de crescimento na cultura?

“Eu te diria que um olhar, pelo menos esse olhar que a gente tá tendo mais apurado em relação a cultura essa preocupação em buscar incentivos financeiros, em buscar essas políticas públicas que incentiva realmente a cultura já é algo que eu acho que já é válido, tá certo? É claro, nós temos que lutar muito ainda, pra melhoria, pra efetivação da cultura realmente do município, mas se nós já estamos lutando por isso, tendo esse olhar nesse sentido eu acho que já é um avanço.”

O que você sugere para melhorar a cultura do nosso município?

“Eu sugiro que esses atores, essas pessoas que fazem cultura estejam mais procurando mais, eu te digo isso porque eu estou com uma certa propriedade pra falar por ocasião da nossa conferência municipal de cultura, infelizmente nós contamos com pouquíssimos atores, quando eu digo, atores, eu estou falando desses atores culturais, que a gente diz, embora tenha sido feito o convite e tudo, mas eu não sei o que aconteceu, que na hora de fazer acontecer existe aquela, a questão de não participar e isso é péssimo na verdade né. Então eu acho que

assim que o resgate da cultura, aqui do município, ta precisando realmente da gente conversar mais, dialogar mais pra que a coisa realmente aconteça e tenha uma certa credibilidade.”

È interessante apontar que na entrevista acima, bem como no próximo depoimento, a cultura é apontada como catalisador de desenvolvimento, sobretudo no aspecto humano, concordando que é necessário que haja incentivo para que a prática cultural não se perca e nem seja distorcida com as mudanças comportamentais.

- Entrevista com o pároco da Cidade de São José de Piranhas.

O senhor acha que a Cultura traz desenvolvimento pra cidade de São José de Piranhas?

“Com certeza absoluta, cultura é vida, cultura é o povo é história, cultura é desenvolvimento, cultura é saber, eu acho que cultura é saber acumulado. Pena que um povo sem cultura é um povo sem história um povo sem memória e um povo que não se preocupa com sua história do passado e conseqüentemente de um futuro né? Então a cultura é toda uma história que envolve o desenvolvimento social, político, religioso de um determinado povo, no nosso caso aqui nosso sertão paraibano.”

Qual tipo de cultura que o senhor vê que mais vem se desenvolvendo aqui, hoje na cidade de São José de Piranhas?

“A cultura, pois é hoje estamos falando de cultura, mas uma cultura da mídia, hoje nós estamos vivendo uma cultura moderna né? A cultura hoje é uma cultura das redes sociais, se podemos chamar isso de cultura, hoje qual a cultura hoje da juventude em São José de Piranhas, nos EUA em Campina Grande ou em qualquer parte? É está conectado com um aparelho, com um celular e ai nas redes sociais se comunicando com o mundo, então eu chamaria essa cultura de

cultura moderna é o que nós presenciamos, às vezes, até mesmo nas celebrações é alguém passando mensagens pra alguém, então vivemos hoje um mundo da cultura das redes sócias.”

Em sua opinião nesses últimos dez anos a cidade tem crescido economicamente?

“É uma questão a se pensar né? Nosso desenvolvimento econômico eu creio que ainda deixa a se desejar pela própria situação histórica, geográfica e cultural do nosso povo, quer dizer, qual a indústria que nós temos? Então uma cidade se desenvolve quando tem uma indústria, quando tem algumas alternativas a mais do normal, mas o que nós temos aqui são empregos, a economia aqui gira em torno de que? Da cultura bovina, numa crise dessa né? Como caiu nesses anos de seca a questão da economia relacionado a agricultura a criação de gado, do leite, do queijo que é uma característica aqui do sertão e do outro lado eu vejo os empregos que continua o mesmo eu não vejo essa elevação econômica da nossa cidade, então é uma coisa que quase estagnou ,tá indo, mas que deixa muito a desejar, com certeza absoluta

No seu ponto de vista a Micaranhas traz alguma contribuição econômica e cultural pra cidade?

“A Micaranhas nessa questão da cultura, o nosso povo é um povo que gosta muito de festa né? Nosso sertão nosso Brasil de um modo geral, mas no sertão não podia ser diferente é um povo muito voltado para festa, dança e a Micaranhas ela traz um pouco dessa resgate de tudo isso que acontece no Brasil todo, carnaval fora de época e a questão da economia com certeza traz, vem muitas pessoas de fora de qualquer forma move um pouco mais a economia através das pessoas que vem e das pessoas da cidade mesmo que com certeza nesses dois ou três dias tem um aumento, creio eu, significativo da economia local.”

Qual a contribuição que o senhor acha a cultura da festa de São José, que é tradicional e viva, que é realizada todos os anos, desde que foi fundada a paróquia de São José foi fundada, traz pra nossa cidade?

“Você fala de cultura né e não falar religião, religião ta envolvida na cultura de um povo, você veja aqui nossa história de igreja, nós temos mais de 200 anos de história, ontem nós comemoramos 173 anos de fundação da paróquia, mas a história já tem mais de 200 anos, então é um povo que a mais de 200 anos que celebra o seu padroeiro São José, tem o dia 19 de março dedicado a São José o agricultor tem toda aquela cultura de esperar a chuva, que São José é protetor da chuva, então é uma história de 200 anos, então, com certeza, os padres que por aqui passaram contribuíram de maneira direta mesmo para a cultura, para o pensamento, para o desenvolvimento também dessa região, então veja sempre 173 anos de paróquia, quantos padres já passaram por aqui trazendo sua colaboração, você veja aqui temos o Padre Zé Gálea, que na época aqui não tinha quase escola, ele foi responsável por construir a primeira escola aqui que funcionou muito bem, da igreja, então não só em São José de Piranhas como em outras localidades a igreja sempre esteve envolvida com a saúde na época em que o estado deixava muito a desejar, como ainda hoje deixa, mas a igreja sempre esteve a frente de hospitais de colégios, então a religião ela está intrinsecamente ligada a com a cultura de um povo, então desconhecer aqui em São José e também em todo Brasil e no sertão de maneira geral, desconhecer a religião e achar que a religião atrasa a vida de um povo, eu creio que é desconhecer a vida de um povo, então eu que a religião tem desenvolvido muito, faz 10 anos e seis meses que eu estou aqui, eu vejo que tem crescido bastante a participação do povo nas pastorais, nos grupos, isso leva o povo também a refletir a pensar melhor. Max dizia que a “religião é o do povo” o que nós hoje percebemos que religião é o contrário, religião hoje é pra libertar, para conscientizar o povo é um espaço que hoje o povo tem pra escutar o que talvez hoje não escute em palanque né? Tem o padre que tem autonomia que não é ligado a nenhum partido político, pode ser amigo de prefeito, pode não ser, mas tem autonomia de criticar, de falar da importância da política, então eu creio que a religião, ela é um espaço para levar o povo a uma conscientização a um censo crítico, que falta muito isso ao nosso povo, então, religião que leva o povo só um culto espiritual, que não tem preocupação com a transformação social, não é a religião de Jesus Cristo, que é o homem que mais lutou por uma transformação

social, por uma sociedade justa, fraterna e criticou, que Jesus não morreu atropelado por um camelo lé em Jerusalém, ele morreu na cruz porque, por que os Fariseus, Saduceus, doutores da lei o levaram ao julgamento porque? Por que ele criticava um sistema estabelecido na sua época, e eu acho que nós temos contribuído muito com esse lado né, de não levar ao povo só um lado alienado, mas levar o povo a abrir os olhos a ter censo crítico a saber votar e não trocar seu voto por um saco de cimento ou um bujão , então, eu acho que a religião ta contribuindo bastante para a cultura dessa nossa região, com certeza, desde os antepassados e hoje eu tenho certeza que ta ajudando muito no despertar do povo para viver os seus direitos e também os seus deveres.

Qual a sua sugestão para a melhora da cultura na cidade de São José de Piranhas?

“A primeira coisa é investimento, você veja, aqui nós não temos esse espaço né? Temos aqui um bom secretario de cultura, mas quase ele me procurava trazendo quase sempre coisas boas para renovar nossa cultura, através de teatro, através da música, você veja um lugar como esse não tem uma banda de música né? Quantos talentos que temos no teatro, no mundo das danças, recuperar tantas outras tradições que nós tínhamos por aqui . Então o que falta realmente é investimento e pessoas que acreditem que a cultura leva o povo ao desenvolvimento e que faz parte de um programa, pena que os nossos administradores, pelo menos o tempo enquanto eu to aqui, parece que os administradores não ver muito esse lado, dessa preocupação com a cultura, temos hoje as feiras culturais nos colégios, temos os desfiles, que até hoje eu me admiro, aqui no dia da cidade nós temos os nossos desfiles, como eles são criativos, mesmo com os recursos econômicos pouco, mas muitos demonstram tanto tanta cultura, resgata historia da cidade, historia do país , então, eu acho que falta investimento e pessoas dentro desses poderes constituídos que realmente também lutem para que essa cultura seja resgatada ai de tantas maneiras. Um exemplo que eu cito é a banda de música , tantos lugares bem mais pequeno que tem banda de música, levando os jovens a investir mais na música né? Até livrando das drogas e tantas outras coisas, grupos de danças, grupos de teatros,

então a gente não ver muito isso aqui, então, falta muito isso e tendo isso, com certeza a cidade e a juventude só tem a ganhar.”

O entrevistado a seguir faz duras críticas à falta de apoio por parte dos poderes públicos às práticas culturais, não havendo, segundo ele, retorno financeiro no setor cultural e nem desenvolvimento para a cidade, da mesma maneira aponta que as atividades artístico-culturais têm diminuído no município nos últimos anos. Sendo hoje a cultura apontada apenas como aspecto de diversão e não de desenvolvimento.

Professor de História da Escola Estadual Joaquim Lacerda Leite.

Professor, você acha que a cultura traz desenvolvimento pra cidade de São José de Piranhas?

“A parte cultural aqui, não vejo. Em termos culturais, em termos financeiros, eu não vejo muito não, por que a cultura aqui não é pra trazer essa questão, a cultura aqui é mais no sentido de diversão, não tem essa cultura do lado financeiro, tanto é que agora o pessoal da banda Cabaçal, o CD deles, o rapaz, um da banda, está com 100 CDs em casa e não tem a quem vender, porque o pessoal não gosta daquele tipo de cultura, não gosta daquele tipo de música.”

Em seu ponto de vista, a Micaranhas traz alguma contribuição cultural?

“A Micaranhas faz parte do calendário cultural da cidade, e é uma festa de rua. Essa realmente ela traz assim, muitas pessoas vem de fora vender, vender objetos aqui, vender bebida, é, o que mais? É tem as bancas, aquela coisa toda, é até colocações de que essas festas foram vendidas, mas hoje é uma das festas que faz parte assim, do nosso calendário, que traz um grande número de pessoas de outras cidades, é essa daí, tem a de São José, que é uma festa local, mas também é muito divulgada.”

Como você ver a questão de teatro, aqui na cidade?

“Teatro aqui não tem não. O teatro aqui é morto, a sociedade não ver com bons olhos a questão do teatro, não ver! Nós não temos aqui um grupo teatral, nós não temos hoje aqui, um grupo de dança. É a secretaria de cultura do município não tem uma verba própria para investir nesses grupos, nessas pessoas, na cultura da cidade não tem, nós não temos, com relação a investimento via secretaria, até porque nem é uma secretaria ainda, está vinculada a secretaria de educação.

Qual tipo de cultura que vem se desenvolvendo aqui, hoje na cidade de São José de Piranhas?

“Olha, com relação a escolas, nós temos um grupo de dança que está sendo formado por um número de alunos até significativo, mas aí nós não temos como investir nessas pessoas, são eles por si só, nós não temos condições de investir em roupas, investir em uma pessoa pra trabalhar com eles, nós não temos como sair pra outras cidades, e aí nós desenvolvemos um projeto cultural que foi a lei 10639/ 2003 e a lei 11645/2008, foi um desenvolvimento cultural né, porque ocorre anualmente na cidade, a gerencia regional de ensino promove um encontro cultural entre as escolas, aí cada escola apresenta um projeto, e nosso projeto foi sobre preconceito racial, mas foi algo que está terminando agora, ele é desde 2012 tá em 2013, não é algo que tenha um prolongamento, é algo passageiro que nós não vamos retomar, então, pra parte de cultura, assim, foi aquele momento, não dar pra contar pra outros momentos, outras pessoas, eu não vejo por esse lado, nós tivemos um esquete teatral, esse esquete teatral foi muito legal, só que aconteceu ali, naquele momento e o pessoal que fez parte desse esquete teatral não deu continuidade na formação, é em ensaiar outros números e outras coisas, e acabou.

Você como historiador há 30 anos, o que mudou na cultura, nesse período, na cidade de São José de Piranhas?

“Mudou pra pior, que nós já tivemos, São José de Piranhas já teve um conjunto musical, que foi formado pelo padre Antonio de Sousa, é as festas de santos,

assim, elas tinham uma concentração de pessoas tão grande, as próprias músicas da época, as letras das músicas eram diferentes do são hoje, hoje não se tem mais letra, então a cultura mudou muito a forma de se ver cultura, mudou muito. Fazer cultura mudou muito, em nossa cidade eu não vejo pra melhor essa mudança.”

O que você sugere pra melhorar a cultura na cidade de São José de piranhas?

“A criação da secretaria de cultura com a verba própria pra isso, e com uma pessoa qualificada para tal, não adianta dá a secretaria de cultura a uma pessoa que não está vinculada a arte e a cultura do município, do estado, se não estiver ligada a nenhum movimento, não adianta colocar.

Você acha que a cultura contribui para o desenvolvimento da cidade?

“No momento não, não to vendo essa contribuição não! Porque pra contribuir tinha que ser uma coisa que acontecesse e estivesse acontecendo todos os anos, que houvesse todo investimento nessa área, toda uma preparação do jovem, a Micaranhas acontece anualmente, o jovem é preparado no que? As festas dos santos acontecem anualmente e isso o jovem é preparado no que? Isso tem levado o jovem a que? O jovem tem que ter algo que lhe mantenha preso o tempo todo, com algo que ele goste de fazer, não só uma vez por ano, mas o ano todo.”

Em sua opinião nesses últimos dez anos a cidade tem crescido economicamente?

“A cidade não tem crescido né, a estatística mostra que nosso crescimento é mínimo, mínimo, nós estamos hoje com 20 mil habitantes, passa pouca coisa, por que o sertão houve uma predominância do algodão, chamado algodão preto, com o bicudo o algodão preto foi embora, e a cultura piranhense não é a do algodão, do que nós chamamos de branco e em termos econômicos nós fomos perdendo espaço, nós temos agora em 2012, 2013, eu acredito entrando 2014, as obras da transposição que trouxe dinheiro para a cidade, quando ela for embora nos não temos nada, por que o predomínio da nossa economia é a agricultura de sub

existência e a pecuária do corte, o gado é para o corte, nós não temos fazendas com criação de gado sendo vendida pra outros estados, o gado que criamos, nós consumimos aqui, matamos e é consumido aqui na região, na cidade.”

Qual é o maior potencial econômico e cultural que temos hoje em São José de Piranhas?

“O econômico nós temos é a economia da cidade ela é mantida por aposentados, funcionários públicos estaduais e municipais. Toda a economia do município gira em torno desses três pólos, a cultura eu não vejo, o xaxado morreu, as quadrilhas nós não temos mais aqueles grupos belíssimos, nós não temos mais, falta uma retomada de todos esses grupos com investimento. Então São José de Piranhas vive hoje a política do pão e circo, um município vive de obra, as obras que são feitas aqui são do governo do estado e do governo federal, você não tem uma obra do município, o que o governo, o executivo municipal investe é em festas a juventude gosta, são coisas passageiras, mas em termos econômicos você não vê, em termos de vestimentas, você não vê, em termos de construção, de obras a partir do FPM, a partir do ISS que tem entrado em grande quantidade, a própria cultura você não tem uma verba específica, a o FUNDEB você não tem dos 40% formação continuada para professores, você tem praticamente o município parado, praticamente parado, vivendo só desses dois setores.”

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa realizada apresentou dados que demonstraram que a cultura traz sim desenvolvimento cultural pra cidade de São José de Piranhas.

Os questionários foram entregues a populares da cidade, com identificação, retornaram todos os questionários, onde foi possível realizar alguns levantamentos essenciais para fundamentar esta pesquisa.

De acordo com a aplicação dos questionários:

Faixa etária:

18 a 21 anos: 5% (cinco por cento);

22 a 30 anos: 50% (cinquenta por cento);

31 a 40 anos: 20% (vinte por cento);

Acima de 40 anos: 25% (vinte e cinco por cento).

Sexo:

Masculino: 30% (trinta por cento);

Feminino: 70% (setenta por cento).

Escolaridade:

Sem instrução escolar: 0% (zero por cento);

Ensino Fundamental Completo: 0% (zero por cento);

Ensino Médio: 30% (trinta por cento);

Superior incompleto: 15% (quinze por cento);

Superior completo: 35% (trinta e cinco por cento);

Pós-graduação: 20% (vinte por cento).

“A cultura além de fazer parte do crescimento pessoal, é essencial no crescimento da cidade, pois é a partir dela que conseguimos exteriorizar dons e aptidões.” (MSC).

“Sem dúvida o crescimento é notável em construções civis, no comércio e pequenas fábricas, gerando emprego e trabalho para muitos.” (AFB).

“Houve crescimento econômico com a chegada de firmas que realizam o projeto de transposição do Rio São Francisco, gerando trabalho e crescimento no comércio e na construção civil.”(EBFR).

“A cultura, por meio de diversos projetos e comunicações artísticas, possibilitam uma maior interação da população com a sua própria identidade e o conhecimento de novas formas de expressão que a cultura proporciona.” (LPS).

“A cidade entre esses dez anos alargou seu comércio de maneira alarmante, o surgimento das inúmeras lojas, mercados, bares, fizeram com que a economia aumentasse, trazendo um aspecto de moderno para a mesma.” (MELS).

“A Micaranhas traz contribuição econômica por que gera emprego e renda. E culturalmente por que a festa já é tradicional aqui na região do alto Sertão Paraibano.”(IMS)

“Nossa cidade é culturalmente rica, embora não se tenha muitos registros disso. A cultura contribui para o crescimento da cidade, principalmente com as famílias locais, que de certa forma contribuíram para a formação cultural e econômica da cidade. A exemplo da família “Numerado.” (ES)

CONCLUSÃO

Os povos possuem identidade cultural que os caracterizam e as diferenciam uns dos outros. O processo de construção dessa identidade se dá através da evolução histórica, a cultura é reflexo do conjunto de práticas, crenças, conhecimentos adquiridos e praticados através dos tempos. Neste sentido, cada povo possui um bojo cultural vasto que o define e o identifica. Deste modo, somos seres criadores de diferentes tipos de culturas que contribuem em todos os seguimentos da sociedade, particularmente na educação, pois a cultura tem o poder transformador e modificador de cenários e mentes. A cultura é a exteriorização de conceitos e valores, onde pessoas descobrem que podem fazer parte de algo maior do que suas vidas, suas famílias.

Diante do presente estudo realizado em torno da história e atualidade da cidade de São José de Piranhas, concluímos que a cultura, em suas formas diversas, traz sim desenvolvimento pra cidade. Esse desenvolvimento é bem dinâmico, mesmo em meio a dificuldades existentes na cidade como a falta de incentivos da parte pública, haja vista não existir nenhuma participação do poder público diretamente, mesmo assim as pessoas e os movimentos ligados a cultura insistem em levar adiante os costumes e tradições, como é o caso das comemorações da semana santa com a tradicional presença dos caretas, que realizam peregrinação pelo município em busca de mantimentos, chamados de “jejum”, para culminar com o evento do ‘Judas’, no qual populares invadem um círculo criado pelos caretas para conseguir premiações, em geral parte dos mantimentos arrecadados. As escolas realizam cotidianamente peças e esquetes teatrais geralmente com objetivos pedagógicos. Além das festas em homenagens a santos católicos, em especial ao padroeiro São José, que acontece em março, celebradas com missas, procissões e quermesses, e as festas juninas, principalmente São João e São Pedro (Santo Antônio e São Paulo, também santos comemorados no mês de junho não são muito lembrados). Nesta época as escolas também possuem papel de grande importância, realizando quadrilhas (em geral seguindo o molde tradicional e não o estilizando que prepondera em várias cidades). O município não tem histórico de grandes festas neste período,

como acontece em várias cidades, ao contrário são mantidas as tradições de festas de outrora, ou seja, as famílias se encontram ao redor de uma fogueira, geralmente em sítios, para celebrarem os santos com festejos, fogos e comidas típicas como pamonha, canjica e milho assado na fogueira. Em algumas localidades rurais acontecem festas com trios de forró, em especial o São João no povoado de Boa Vista e o São Pedro no sítio Peba dos Lira, estes eventos atraem muitas pessoas de comunidades vizinhas e da própria cidade.

Portanto, são notórios os benefícios que os movimentos culturais trazem à nossa sociedade, fazendo com que permaneçam vivos alguns ensinamentos, credos, e principalmente, o significado da vida em sociedade, em como conviver em grupo pode ser prazeroso, uma vez que atualmente devido muitas tentativas de heterogeneização da cultura, manter a prática de tradições culturais torna-se difícil. Desta forma, através do que já foi exposto neste trabalho, São José de Piranhas ainda tenta conservar prática que fazem manter vivas suas raízes, mesmo que consiga também enquadrar-se na cultura de massa realizando eventos modernos como a Micaranhas, fazendo, desta forma, com que haja uma interculturalidade local, na qual o novo convive harmonicamente com o tradicional. Evidentemente que esta relação pode ser conflitante em alguns momentos e é preciso que os cidadãos tenham a percepção e a consciência de que é preciso preservar as manifestações culturais que vem sendo passada de geração em geração, mas não se pode fechar os olhos às novas realidades, pois estas também compõem o nosso arcabouço cultural, é necessário que sejam reconhecidas, porque são reais, todavia é necessário que se desenvolva criticidade acerca desta realidade atual suas manifestações, alcance e influência.

Em se tratando de cultura o que se busca é o desenvolvimento e o não mero crescimento, pois este visa apenas o fator econômico, em contrapartida aquele possui questões mais amplas. O desenvolvimento só é pleno quando há a melhoria da condição humana, em seus aspectos sociais, educacionais e de prática da cidadania, neste sentido a prática cultural contribui para a efetivação do desenvolvimento, no caso específico, na sociedade de São José de Piranhas, município foco deste estudo, embora, seja inequívoco que as condições

oferecidas precisam de profundas melhorias para que as manifestações possam ocorrer de forma mais contínua e eficaz.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Documentário projeto cinema Adentro: Oficinas de Mostras de cinema/ Jatobá Club. São José de Piranhas, abril- 2011.

FURTADO, Celso. Desenvolvimento e Subdesenvolvimento/ Celso Furtado- Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2009. 5ª edição. Editora: Contraponto.

FURTADO, Celso. O Pensamento de Celso Furtado e o Nordeste. Rio de Janeiro. Contraponto: Centro. Internacional Celso Furtado de Políticas para o desenvolvimento: Banco do Brasil, 2009.

ISBN 978-85 – 224-5524-9. 1. Desenvolvimento econômico. Desenvolvimento 2 economia regional.3 Planejamento regional I título.

LEITÃO, Deusdedit. São José de Piranhas. Notas para sua História. João Pessoa, UNIGRAF- União artes gráficas Ltda, 1985.

LIMA, Messias Ferreira de, São José de Piranhas: Um pouco de sua História. Messias Ferreira de Lima. São José de Piranhas. Editora Real. Junho de 2010.

LIMA, Messias Ferreira de. VIEIRA, José Marconi Gomes. Memórias do Jatobá Club. João Pessoa, 2012.

NETO, Belarmino Mariano. ARRUDA, Luciene Vieira de. (Orgs.) Geografia e Território: Planejamento urbano, rural e ambiental – João Pessoa: Idéia, 2010.

OLIVEIRA, Pedro Lins de. Fragmentos de História: Vida e Ação de Romeu Menandro Cruz. Pedro Lins de Oliveira- João pessoa- PB 1991.

ORTIZ, Renato, 1947. Cultura Brasileira & Identidade nacional / Renato Ortiz- São Paulo: Brasiliense, 2003.

PERICO, Rafael Echevery. **Identidade e território no Brasil/** Rafael Echevery Perico. Tradução de Maria Verônica Morais Souto- Brasília: Instituto Internacional de Cooperação para a agricultura. 2009.

PFEIFFER, Cláudia Ribeiro. **Desenvolvimento e Cultura: parâmetros para a reflexão dessa complexa relação. Turismo, Cultura e Desenvolvimento** Organizadores/ Maria Dilma Simões Brasileiro/ Julio Cesar C. Medina/ Luiza Neide Coriolano. EDUEPB/ Campina Grande, 2012.

Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea. Paraíba – Diagnóstico do município de São José de Piranhas, outubro de 2005.

RIVERO, Osvaldo de. **O mito do Desenvolvimento: Os Países Inviáveis no Século XXI/** Osvaldo de Rivero; Tradução de Ricardo Anibal Rosenbusch- Petrópolis, RJ: Vozes 2002.

SILVA, René Mare da Costa. **Cultura Popular e Educação / Salto para o Futuro.**

SILVA, René Mare da Costa / Salto para o Futuro/ TV Escola / SEED/ MEC. Brasília, 2008.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento regional/** Neli de Jesus de Souza São Paulo, 2009. Editora Atlas.

VIEIRA, José Marconi Gomes. **São José de Piranhas: Eleições e Pertidos Políticos (1947-1964).** / José Marconi Gomes Vieira- João Pessoa: P&A Gráfica e Editora, 2006.